

STUDIUS

galeria de arte

rua das laranjeiras 498
tel. 225 176 rio de janeiro

instituto de arte contemporânea



josé monleón

esculturas
desenhos
colagens
relevos

7 A 18 DE ABRIL DE 1975

INAUGURAÇÃO DIA 7 ÀS 21 HORAS

A natureza brasileira nas artes plásticas continua a ser percebida, com as exceções de sempre, apenas pelos estrangeiros ou seus descendentes. Exemplo evidente é a nossa paisagem na pintura de Debret, Taunay, os italianos, até os clássicos modernos descendentes, como Guignard e Pancetti. A maioria dos artistas no Brasil sofre de uma espécie de pudor ou alergia em relação ao que temos de mais característico, como o colorido, a riqueza formal e a luminosidade, sem falar nas raízes e tradições culturais, pois estas, então, causam arrepios na pele dos nossos **derracinés** de bom sotaque.

Assim, o mergulho desse cigano espanhol que é José Monleón pela floresta brasileira — serrando árvores, cortando troncos — na busca de uma matéria que, fiel às suas origens, servisse para reformulações dessa natureza, não surpreende. Enquanto os nossos mestiços assimilam o que há de mais superficial no folclore espanhol, Monleón aprofunda-se no mato tropical, de clareira em clareira, de árvore em árvore, tateando formas e texturas, cheirando pólen e aprisionando cromatismos.

No começo, levado talvez pelo espírito do mandala, Monleón serrava a forma circular dos troncos para criar **assemblages** atarrachadas e um tanto sofisticadas. Em seguida, trabalhou na técnica da colagem mas, em vez dos **papiers collés**, queria a superfície ou a lasca da madeira tratada e colada, para atingir uma nova linguagem ou equivalência formais em uma expressividade áspera, possivelmente inspirado pelos objetos de Krajcberg, pelo cinetismo em madeira pintada de Camargo, ou pelos perfis cenográficos do italiano Ceroli e as **assemblages** da americana Nevelson. Já se encontrava, talvez inconscientemente, engajado no processo não conceitual da arte ecológica. Não

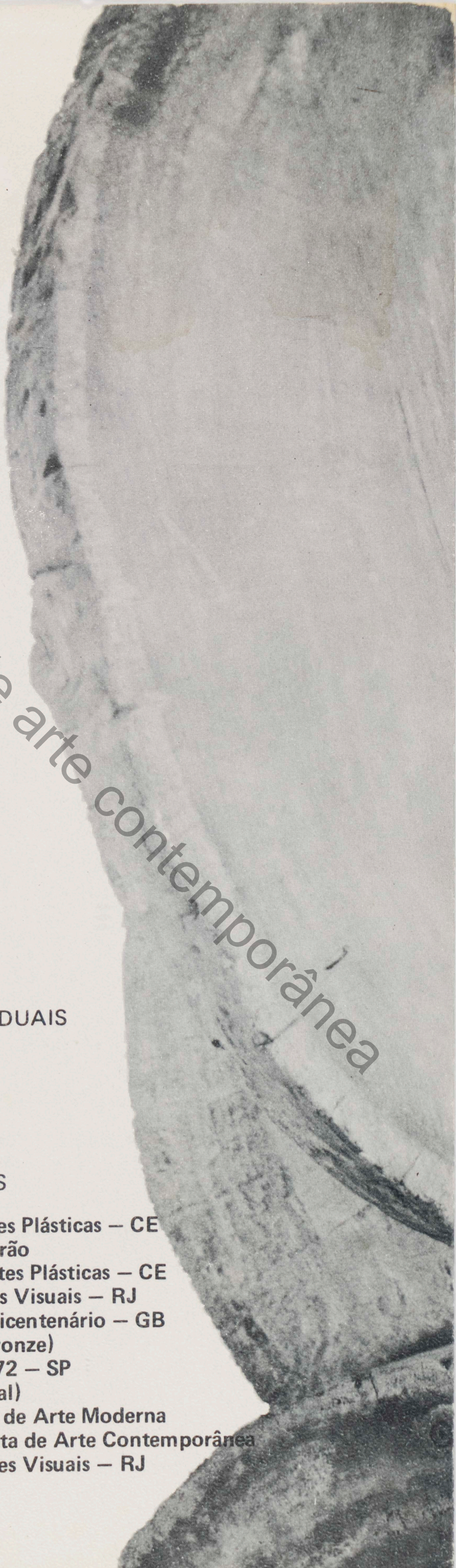
concordamos com os que insistem em ver na arte ecológica um relacionamento direito com teorias recentes, associadas à **land art** ou **earth art** e suas conexões mal delineadas com a "arte conceitual" e fotográfica. Ecologia tem um sentido mais amplo e elástico ou ambíguo.

O Monleón de hoje parece ter deixado suas preocupações com o tosco das texturas e o brutalismo das formas de troncos. A técnica mista, especialmente a colagem de madeira, é empregada em quadros-objetos que, às vezes, alcançam efeitos de **trompe-l'oeil**. Uma inesperada opção em favor de um bucolismo lírico ou de um hedonismo ornamental. Monleón não só desenha plantas e flores integradas em suas madeiras coladas, como também começa a curtir o aprisionamento cromático e ambiental das borboletas, através de uma série de vitrines que não chegam à forma de caixa, criando deliberadamente ou não, um clima quase **kitsch**, sem o mórbido requinte das "caixas de estilo" que, geralmente, fascinam os colecionadores de borboletas, como um esquite de luxo. Monleón parece querer a matéria viva da floresta tropical e não, apenas, pintá-la.

Seria muito bom dar mais tempo e liberdade para que este espanhol se perdesse em nossas florestas, despreocupado do ensino de arte e artesanato, na luta para sobreviver, e sacudir nele as forças telúricas necessárias ao diálogo viril com a natureza, lembrando ao europeu deslumbrado com o trópico não os jardins de seu Gaudí, mas a poética milenar dos jardins de Zen e da Ikebana em seu vigor perene.

Tosco, brutalista, elaborado, sofisticado ou estilizado, Monleón formula o seu discurso plástico, nascido das forças da floresta brasileira com a qual ele vive um movimentado e decisivo envolvimento.

Jayme Maurício



instituto de arte contemporânea

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

- 1868 – OCA – GB**
- 1971 – Celina – GB**
- 1975 – Studius – GB**

**PARTICIPAÇÃO
EM SALÕES OFICIAIS**

- 1969 – II Salão de Artes Plásticas – CE**
- 1971 – III Salão de Verão**
- 1971 – III Salão de Artes Plásticas – CE**
- 1972 – I Salão de Artes Visuais – RJ**
- 1972 – Salão do Sesquicentenário – GB
(Medalha de Bronze)**
- 1972 – Brasil Plástica 72 – SP
(Bienal Nacional)**
- 1972 – Salão Nacional de Arte Moderna**
- 1972 – IV Salão Paulista de Arte Contemporânea**
- 1973 – II Salão de Artes Visuais – RJ**